

Lendra Gomes de Barros

História de PRINCESA DA PEDRA FINA



J. BORGES

(Leandro Gomes de Barros)
**HISTÓRIA DA
PRINCESA DA PEDRA FINA**

No Reino da Pedra Fina
Havia uma princesa,
Misteriosa, encantada,
Numa obra da natureza
Com ela as duas irmãs,
Que eram a flor da beleza.

Naquela linda princesa
Só era em que ela falava,
Nesse lugar também tinha
Um pobre que trabalhava
Com três filhos no roçado,
Com isso se sustentava.

Chamava-se os três filhos
João, Antônio e José,
José que era o caçula
Do tamanho de um bebê
A sua mãe lhe estimava,
Nunca deu-lhe um cafuné.

Disse o marido à mulher:
- Vou trabalhar no roçado,
Os meninos também vão
Pra ajudar-me outro lado
Você cá mate um franguinho,
Apronte, leve-o guisado.

Estando o velho cansado
Com os filhos a trabalhar,
As duas horas da tarde
Disse ele: - Vou descansar
Meus filhos tenham paciência
Não tarda mamãe chegar.

Pegou Antônio a brincar
Fazendo risco no chão,
Dizendo: - Estou com vontade,
De comer muito feijão
Misturadinho com breço,
Acho melhor do que pão.

Ai respondeu João:
- Eu desejava comer,
Muita banana com casca
Até a barriga encher
Ambos mandaram José,
Dar também seu parecer.

De um modo misterioso
Respondeu o Cazuzinha:
- O que tenho no pensamento
Nenhum dos dois advinha,
- Então será um segredo,
Ou do rei, ou da rainha.

Disse José: - Eu descobro
Creio que não me crimina,
Não é para mim nem vocês
É para quem Deus determina
Eu queria ver as pernas,
Das moças de Pedra Fina.

Oh! ... Atrevido menino:
- Respondeu o pai deitado,
E levantou-se dizendo:
- Cachorro, bruto e safado,
Não respeita as princesas?
Queres morrer enforcado?

- 03 -

Levantou-se o velho irado
Falando deste jeito:
- Você ainda acha pouco
Os males que tem me feito?
Assim todos nós iremos,
Sofrer por seu respeito.

Ai deu umas lapadas
No seu caçula Zezinho,
Nisso foi chegando a velha
Que já vinha no caminho:
- Meu velho por que fez isso?
Para que deu no bichinho?

- Porque foi muito atrevido
Minha velha Umbelina,
Ele buliu com pessoas
Tão alta que nos domina
Desejando ver as pernas,
Das moças da Pedra Final!

Se elas souberem disso
Nos mandaria chamar,
Nos metiam na prisão
Ele mandava matar
Eu só dei essas lapadas,
Para o exemplo ficar.

Ai a velha zangou-se
Começou logo a chorar:
- Vamos pra casa meu filho
Para seu pai não lhe dar,
Inda a princesa sabendo,
Não lhe manda degolar.

José sempre se lembrava
Do que o pai tinha lhe feito,
Dizendo que a família
Sofria por seu respeito
Saiu vagando no mundo,
O qual por Deus foi aceito.

Esse inocente menino
Saiu, só levou um pão,
Não tinha um vintém no bolso
Só quiz do pai o perdão,
E de sua cara mãezinha,
A sua santa benção.

A mãe partida de pena
Abençoou o menino,
Vendo o filho tão pequeno
Sair como um peregrino
Rogo a Deus como bom Pai
Que zele por teu destino.

O Cazuinha era novo
Porém era destemido,
Já fazia mais de um mês
Que ele tinha saído
Chegou na beira de um rio,
Medonho e desconhecido.

Ficou com bastante medo
Ao atravessar o rio,
Só via urros de feras
No pé de um monte sombrio
Porém tinha pouca água,
Por ser o tempo de estio.

- 05 -

Ele atravessou o rio
E quando em terra pisou,
Sentiu que estava com sede
Água no chapéu tirou
No chapéu veio uma pedra,
Que muito ele admirou.

Era um brilhante encantado
Mas ele não conhecia,
Julgando não ter valor
Pouca importância daria
Depois guardou-a no bolso,
E pensou no que fazia.

Saiu por ali à fora
Quando foi no outro dia,
Entrou num grande reinado
Que ele não conhecia
Sem ter um vintém no bolso,
Tomou uma hospedaria.

O rapaz aperreado
Já vendo a hora sofrer,
Tirou a pedra do bolso
Começou a oferecer
Dizendo: - Quem quer comprar?
Eu tenho é para vender.

José muito aperreado
Sem jeito com que passar,
Deu a pedra a um logista
Perguntando: - Quando dá?
Respondeu: - É uma brilhante,
Eu não a posso comprar.

- Em todo este reinado
Lhe respondeu um caxeiro,
O senhor vá procurando
Até pelo estrangeiro
Para comprar essa pedra,
Bem poucos terão dinheiro.

Disse também o logista:
- Esta jóia é um primor,
Só quem pode comprar ela
É o nosso imperador
Só ele terá dinheiro,
Com que pague o seu valor.

O rapaz saiu pra rua
Com a tal pedra na mão,
Assim que o rei viu ela
Ficou com tanta ambição
Mandou chamar o rapaz,
Comprou-a por um milhão.

Deu-lhe mais um palacete
E o posto de capitão,
Pelo seu merecimento
Todos lhe davam atenção
Era um estrangeiro nobre,
Filho de outra nação.

Na corte tinha um barbeiro
Que no reino vivia,
Também era conselheiro
Em tudo se entrometia
Disse logo a todo mundo,
Que a pedra o rei possuía

- 07 -

O rei mandou colocar
A pedra em sua coroa,
Como ela era um brilhante
De uma espécie muito boa
Servia como ornamento
Para sua nobre pessoa.

O barbeiro quando viu
Disse muito admirado:
- Isso só fica bem
Tendo outra em cada lado,
Tendo mais uma na frente
Fica o rei mais respeitado.

Lhe disse o Imperador:
- Aonde eu vou encontrar?
Outra pedra como esta
É asneira procurar!
- O moço que vendeu esta,
É que lhe pode arranjar.

Rei senhor mande chamar
Ele não dirá que tem,
Lhe mostre a pena de morte
Veja se ele não vem
Pois ele não pode tê-la,
Só rei senhor mais ninguém.

- Sim senhor, está muito bem
Mandou logo procurar,
Dali saiu o barbeiro
Ver se podia encontrar
Quando encontrou foi dizendo:
- Rei senhor manda chamar.

- 08 -

Veio o moço e o barbeiro
Para a presença do rei,
Lhe disse o Imperador:
- Sabe para que lhe chamei?
Porque preciso outra pedra,
Igual a que lhe comprei.

Disse o rapaz ao rei:
- Outra não posso arrumar
Ainda eu tendo dinheiro
Não tenho onde comprar
Eu achei esta no rio,
Porém sem nunca esperar.

- O senhor vá ver a pedra
Me chegue aqui qualquer dia,
Peça o que quiser por ela
Não resgateio quantia
Porém voltando sem ela,
Morrerá no mesmo dia.

Saiu José muito triste
Pensando de qual maneira,
Poderia se livrar
Dessa cena traiçoeira
Foi sair no mesmo rio,
Aonde achou a primeira.

Foi pelo mesmo lugar
Aonde tinha passado,
Séguiu pelo rio a dentro
Procurando com cuidado
Uma pedra que igualasse,
A que ficou no teinado.

Ele já estava cansado
De por ali procurar,
Bebeu água sem ter sede
Nada da pedra encontrar
Desenganado da vida,
Pegou sozinho a falar.

Dizia ele consigo:
Eu sei que hei-de-morrer,
Essa pedra que procuro
É impossível obter
Me acabo aqui afogado,
Não dou gosto do rei me ver.

José pegou a ouvir
Uma coisa que estrondava,
Chegando ao pé da serra
Ainda mais intimidava
De repente viu um fogo,
Que perto dele brilhava.

De repente aquele fogo
Transformou-se num leão,
Brigando com uma serpente
Zoando mais que trovão
Saia fogo dos dentes,
De faiscar pelo chão.

José nem pode falar
Vendo aquela tempestade,
O leão gritou pra ele
Pedindo por caridade:
- Mata-me esta serpente,
Que dou-te a felicidade.

Respondeu sem ter maldade
A serpente: - Criatura,
Mata o leão que te dou
O que tu andas a procura
Depois te farei feliz,
Que sou uma virgem pura.

Ele atirou no leão
Aquela fera valente,
Com um tiro mui certo
Morreu instantaneamente,
Morto que fôsse o leão,
Desencantava a serpente.

Era uma moça encantada
Uma excelente menina,
A origem do encanto
Foi para cumprir a sina
Era essa a tal princesa,
Do Reino da Pedra Fina.

Ele por ela abismou-se
Somente pela beleza
Perguntou-lhe: - Quem sois vós
Disse ela: - Sou a Princesa
Do Reino da Pedra Fina,
Que venho em tua defesa.

Dali saiu a princesa
Com José acompanhando,
Desceram de rio abaixo
Ambos juntos conversando
No lugar que procurava,
Ela parou lhe fitando.

Se teu ferro está cortando
Anda cá vem me ferir,
Corta este dedo ao meio
Isso ele não quis ouvir
Disse ela: - Corte logo,
Que o sangue vem te servir.

José sem querer cortar
Julgando ser uma asneira,
Mas quando cortou-lhe o dedo
Corria o sangue em biqueira,
Do sangue saíram três pedras,
Do formato da primeira.

Disse ela: - Está aí
O que procurava,
Estive aqui a pouco
Procurando e não achava
Porque eu estava brigando,
E o leão me arranhava.

Dai foram para casa
Que o rei tinha-lhe dado,
Ele em companhia dela
Porém muito embriagado
Pela sua formosura,
Esqueceu-se do mandado.

Passando mais alguns dias
A princesa lhe falava:
- José vai levar a pedra
O rei há tempo esperava
José respondeu a ela:
- Eu disso não me lembrava.

- 12 -

Ele aí pegou a pedra
Foi levar ao rei senhor,
Que gratificou a ele
Com dois tantos do valor
E lhe fez mais um presente
De um título superior.

O rei disse assim a ele
Quando entregou-lhe o dinheiro:
- Como eu te considero
Inda mais que um conselheiro
Vou mandar-te fazer a barba
Pelo meu próprio barbeiro.

No palácio de José
Quando o barbeiro chegou,
Entrou respeitosamente
Dizendo, o cumprimentou:
- Vim fazer a vossa barba,
Que o monarca mandou.

Estava ele fazendo a barba
Quando a princesa sorriu,
O barbeiro admirou-se
Da formosura que viu
Assim que fíndou a barba,
No mesmo instante saiu.

Quando chegou ao palácio
Foi dizendo ao rei senhor:
- Agora vi uma moça
Mais linda que uma flor
Na casa do coronel
Pra mim tem todo valor.

- 13 -

Rei meu senhor se apronte
Não perca a ocasião,
Vá ao palácio dele
E preste bem atenção
Pois a moça que vi lá,
Faz render um coração.

O rei mandou vir um carro
E perguntou: - Como é?
Você me diz estas coisas
Porém eu não tenho fé
De tarde foi passear
Onde morava José.

Passando o carro por baixo
Avistou logo a princesa,
Debruçada na janela
Em traje de camponesa
Deu um ataque e caiu,
Quando viu a boniteza.

Aí pegaram o rei
Pensando que ele morria,
Deram-lhe medicamento
Porém ele não bebia
Levaram ele pra corte,
Foi tornar no outro dia.

No outro dia o barbeiro
Foi ao rei aconselhar,
Dizendo: - Não desanime
Eu tenho um jeito a dar,
Tenha mais perseverança,
Que sempre vem a gozar.

Disse o barbeiro ao rei:
- O moço é um coronel,
Talvez com essa invenção,
Nos caia sopa no mel
Mande ele no Reinado
Das Laranjas de Babel.

Diga que a sua esposa
Desejou muito comer,
Uma laranja de lá
Para o filho não perder
Está grávida há três meses,
Vive em tempo de morrer.

O rei tomou o conselho
Mandou-o logo chamar,
Por esse mesmo barbeiro
Que o recado foi dar,
Diga a José que apareça,
Que o rei quer lhe falar.

- Uma laranja mimosa
Quero que vá me buscar,
No reino das laranjeiras
Pra em dez dias chegar
Se não fizer como eu digo,
Eu o mando degolar.

O pobre banhado em pranto
Chorando em casa chegou,
A princesa comovida,
Depressa lhe perguntou:
- O que foi isso José?
Foi o rei que mandou ...

O rei me disse que fosse
Uma laranja buscar,
No reino das laranjeiras
Como é que posso acertar,
Se não chegar em dez dias,
Ele me manda matar.

Não tenhas medo José
Descansa pra jantar,
Enquanto eu existir
Algum remédio hei-de dar
Vou te arranjar um cavalo,
Que tu possa viajar.

Pegou ela a ensinar
Como devia fazer
Dizendo: - Pelas três horas
Você irá receber
De um moleque um bom cavalo
Que te vem oferecer.

Ele compreendeu tudo
Foi para o ponto esperar,
Com pouco viu o moleque
Em um cavalo a saltar
Muito gordo e bem selado,
Capaz de um homem montar.

Dizendo: - Quem quer comprar
Por cinco contos de réis,
Um cavalo muito gordo
Calçado de mãos e pés?
Disse José: - Compro eu,
Tu pedes cinco eu dou dez.

Ele pagou ao moleque
Aquela grande quantia,
Porém todo privilégio,
O cavalo possuía
E mesmo estava arreado,
Da forma que ele queria.

A princesa chamou ele
Tornou a recomendar:
- Daqui lá sò são mil léguas
Com uma hora hás de chegar
Porém esse seu cavalo,
Não é preciso açoiar.

Basta que de hora em hora
Você dê-lhe uma lapada,
Corra, siga a toda pressa
Não te importes com nada,
Porém quando chegar lá,
Encontra a porta fechada.

Fique ali bem escondido
Pra ninguém te pressentir,
Quando bater meio-dia
O portão há de se abrir
Entre sem fazer zoadá,
Para ninguém não ouvir.

Dentro tem lobo, elefante,
Urso e camelo urrando,
Cobra, serpente assanhada,
Leão e leoa rosnando,
Pantera e porco do mato,
Sobre as laranjas avançando.

Não te importes com nada
Porque assim determina,
Quando entrar vá chamando
Oh! Laranja, tangerina!
Me acompanha a um chamado
Do Reino da Pedra Fina.

José chamou a laranja
Ela veio, ele levou-a,
Fez como a princesa disse
Não deu passadas à toa,
Montando no seu cavalo,
Corria como quem voa.

José dizendo as palavras
Todo bicho se mordia,
Para tomar a laranja
Um puxava, outro queria
José arribou com ela,
Logo acabou-se a porfia.

Correu com essa laranja
Os bichos atrás para tomar,
Numa grande violência
Viu-se o portão fechar
Nem a calda do cavalo,
Eles puderam pegar.

Não é preciso dizer
Quanto o cavalo corria
Nem mesmo uma ave de rapina
A favor da ventania
Basta dizer que tirava,
Umhas mil léguas por dia.

José que vinha contente
Com a laranja na mão,
Entregou ela á princesa
Ela prestou atenção
Disse: - José veja bem,
Se a laranja é esta ou não.

Disse ela: - Vou te mostrar
O poder da natureza,
Pegou partiu a laranja
Em cima de uma mesa
Saiu de dentro uma moça,
Mais linda que a princesa.

Disse a princesa a José:
- Esta é a minha irmã,
Que o leão carregou ela
Num dia pela manhã
Depois juntou as bandas,
E a laranja ficou sã.

Chamava-se ela Romana
O corpo um talento delgado,
Olhos pretos muito vivos,
Nariz bastante afilado,
Dentes alvos, boca linda,
Rosto bem feito e coroadado.

Ai ficaram falando
De tudo que se passou,
Que o rei queria a laranja
Como de fato chegou
José foi levar no dia,
Que o tempo se completou.

O rei ficou satisfeito
E lhe deu muito dinheiro,
Deu-lhe mais uma medalha
Com honra de brigadeiro
E tirou ele também
Para ser o seu conselheiro.

José foi com o barbeiro
Esse voltou na carreira,
Dizendo ao rei: - Vi agora
Outra moça verdadeira
Lá na casa de José,
Mais linda que a primeira.

Disse o barbeiro ao rei:
- Todas duas são donzelas
Eu nunca vi neste mundo
Duas figuras tão belas
Rei meu senhor faça isso,
Para gozar todas elas.

Ainda temos outro jeito
Rei senhor mande chamar,
José pra ir no Reinado
Das Limeiras de Tupar
Ele indo a essa viagem
Nunca mais há de voltar.

José seguiu para a corte
Fingindo ter paciência,
Para acudir o chamado
Que vinha com muita urgência,
Cumprimentou os vassalos,
Cheio de benevolência.

Disse o Monarca a José :
- Esta vez é a terceira,
Para me buscar uma lima
No Reinado da Limeira
Jáque tivesse coragem,
De voltar da laranjeira.

Disse a princesa: - José
Eu hei-de te proteger,
Preste-me bem atenção
Repare o que vou dizer
Ensinou tudo a José,
Como devia fazer.

Saiu ele a toda pressa
Correndo por uma estrada,
Saiu de casa ao meio-dia
Foi chegar de madrugada
Achou o portão fechado,
Esperou pela entrada.

Chegando ouviu um sussurro
De muito bicho que havia,
Ele morrendo de medo
Porém não se remexia
Até o próprio cavalo,
De medo também tremia.

Quando bateu seis horas
O portão foi se abrindo,
Ele entrou e foi vendo
Feras de dente rangindo
Debaixo de tal limeira,
Tinha um leão dormindo.

Ele entrou e foi chamando
Pela lima camponesa:
- Eu venho aqui te buscar
Obrigado a natureza
Preciso que não me falte,
Ao chamado da princesa.

José agarrando a lima
Com uma das mãos segurou,
As feras partiram em cima
Porém José se livrou
Quando ia chegando perto,
Aí o portão se fechou.

Como ele correu com medo
Não queria ter demora,
Chegando entregou a lima
Na mão da sua senhora
Disse ela: - Eu quero ver
O que vão inventar agora.

No palácio tinha uma
Do Reino das Laranjeiras,
Depois chegou o caçula,
Do Reino das Limeiras
Era a caçula mais linda,
Do que as duas primeiras.

A lima ficou partida
Ela com jeito fechou,
Não tinha nem um defeito
Ela a José entregou
Depois que o prazo findou-se,
Foi quando José levou.

O rei recebeu a lima
Foi tratando de pagar,
Deu tanto dinheiro a ele
Que não tinha aonde botar
O barbeiro foi com ele,
Pra seu cabelo cortar.

Chegando junto com José
O barbeiro conhecido,
Quando viu as três pequenas
Foi correndo espavorido.
Sem poder dizer nada,
O que tinha acontecido.

Disse ele: - Rei senhor
Eu lhe digo com franqueza,
Fui na casa de José
E lá vi outra princesa
Que aquela só sendo feita,
Pela mão da natureza.

Pra rei senhor gozar ela
Outro conselho eu lhe dou,
Mande José no inferno
Dizendo que precisou
De saber notícias certas,
Do finado seu avô.

Rei meu senhor mande logo
Fazer um grande alçapão,
Dizendo: - É este o caminho
Vai por debaixo do chão
Quando ele entrar fecha a tampa,
Morrerá sem remissão.

Mandaram chamar José
Ele depressa chegou:
- Quero que vá no inferno
O Monarca assim falou
Para levar um ofício,
Ao finado meu avo.

Traga-me noticias dele
E volte pra me dizer,
Isto que estou lhe dizendo
Morrerá se não fizer
Voltou José soluçando,
Na certeza de morrer.

A princesa disse a ele:
- O rei faça o que quiser,
Eles agora vão ver
A força de uma mulher
Ninguém judia contigo
Enquanto vida eu tiver.

Pega estas duas pedras
Leva elas duas na mão,
Elas num lugar escuro
Te serve de lampião
Lá tu fazes um discurso,
Na porta do alçapão.

Nessa hora por ali
Fica tudo admirado,
Afrouxes as pedras da mão
E dás um salto de lado
O fogo que sai das pedras,
Deixa o povo encandiado.

José compreendeu tudo
Aprontou-se pra sair,
Quando o rei deu-lhe o ofício
Pegou ele sem discutir
Pulou dentro saiu fora,
Sem ninguém o pressentir.

Todos disseram: - Aquele
Nunca mais há de voltar,
Que só do pulo que deu
Viu-se o fogo brilhar
Labaredas do inferno,
Na porta lhe veio encontrar.

José no mesmo instante
Pra sua casa voltou,
Chegando mais que depressa
Em um quarto se arranchou,
A mulher pegou a roupa,
No fumeiro desprezou.

Todo dia ela queimava
Muito enxofre no fumeiro,
Porém sempre às escondidas
Fazia muito ligeiro
Assim foi continuando,
Completo ano inteiro.

José como quem está preso
Seu cabelo não cortava,
Não lavava pés nem mão
As unhas não aparava
Um banho nunca tomou,
Nem nunca se barbeava.

Vou dizer o que fazia
O rei com o barbeiro,
Que montava no seu carro
Na roupa só tinha cheiro
Iam visitar as moças,
Só chegavam no terreiro.

No palácio de José
Quando o rei ia, saltava
A princesa na janela
Mas não cumprimentava
Se o rei subia a calçada,
O palácio se fechava.

O rei mandava de novo
Começava a rodear,
Ela deixava a janela
Procurava outro lugar
O rei se desenganou,
Não quis mais nem passear.

Vamos tratar de José
De que forma se arranjou,
Lhe disse a princesa:
- Eu vou ver que jeito dou
Para o barbeiro passar,
Pelo que você passou.

Quis a princesa vingar-se
Do que o barbeiro fazia,
Escreveu sua resposta
Com grande aristocracia
Com letras feias e gregas,
Que só o diabo sabia.

Dizendo: "Meu caro neto
Eu aqui estou sossegado,
Fiquei ciente de tudo
Que me foi participado
Pelo mesmo portador,
Lhe comunico o passado.

Eu aqui sou um guerreiro
Não me sujeito a ninguém,
Mande sem falta o barbeiro
Que por hora aqui não tem
Para cortar meu cabelo,
E fazer-me a barba também".

Vinha na carta dizendo:
"Às ordens sempre aqui estou
Mande cá o seu barbeiro,
Bem sabe que lá não vou,
Aceite mil saudações,
Do finado teu avô".

Ai José se vestiu
Com a roupa defumada,
Fedendo muito a enxofre
A espada enferrujada
Com os cabelos de monge,
A barba toda assanhada.

Botou a carta no bolso
No mesmo instante levou,
Antes de chegar na corte
Ele um praça encontrou
José era general,
E o praça nem se importou.

Ele repeliu o praça
Com muita benevolência,
Dizendo: - Eu sou general
Conheço a jurisprudência
Vou mudar de farda nova,
Pra me fazer continência.

José entrou no palácio
Foi logo encontrando o rei,
Que de longe perguntou-lhe:
- Que, és? ... Que até espantei
- Sou o general da carta,
Que do inferno cheguei.

Ontem cheguei da viagem
Ele mandou-lhe um ofício,
Receba, está ele aqui
Pra trazer fiz sacrifício
Não fui pior na viagem,
Porque lá ví um patricio.

Quando o rei abriu seu ofício
Pelo assunto primeiro,
Viu logo que seu avô
Mandou chamar o barbeiro
Disse o rei: - Vá se aprontar,
Para ir no mesmo roteiro.

É pra seguir amanhã
Não deixe mais demorar,
Me avô manda chamá-lo
E eu não posso negar
É para fazer-lhe a barba,
E o seu cabelo cortar.

- 28 -

Disse ele: - Sigo já
Como o general seguiu,
Fez também o seu discurso
Quando o alçapão se abriu
Ele navalha e tesoura,
No grande abismo caiu.

Ele morreu de repente
Daquela morte fatal
Ficou José descansado
De quem tanto lhe fez mal
Depois faleceu o rei,
Ficou sempre general.

José que era o rei
De toda aquela nação,
A princesa disse a ele:
- Teu pai está na prisão
Tua mãe também está presa,
Junto com teu irmão.

Por isso é bom sair cedo
Vá para aquele lugar,
Espere pelo seu povo
Que ele tem de passar
Tome-os das mãos dos soldados,
Quero com eles falar.

José já foi para o ponto
Com pouco avistou seu pai,
Sua mãe e seus irmãos
Dando suspiros e ai
Disse ele aos praças: - Este povo
Daqui pra diante não vai.

Os soldados responderam:
- Vai tudo aí processado,
Nós levamos para o juiz
Para ser interrogado
Respondeu-lhe José com raiva:
- Dê meia volta soldado.

José levou todos eles
E entregou à princesa,
Ela foi cortou-lhe as cordas,
E sentou-se numa marquesa
Ficaram todos com medo
Quando chegaram na mesa.

Disse a velha: - Com certeza
Nós todos vamos morrer,
Pois o rei não se preocupa
Benefício nos fazer
Disse o velho: - E é na forca,
Pegaram a se maldizer.

Botaram jantar pra eles:
- Pra Antonio, feijão com bredo
Pra João, bananas com casca
Ficaram todos com medo
Disse a velha consigo:
- Está descoberto o segredo.

A princesa disse a eles:
- Vejo todos amedrontados,
Minha velha sente aqui
Me conte o que foi passado
Se não disser morre todos
De um por um degolado.

A senhora me responda
Quantos filhos já tm tido:
- Só tenho João e Antônio
E outros que tem morrido
- A senhora não tem outro,
Que está no mundo perdido?

Conte essa história direito
Não é preciso negar,
Cadê José o caçula,
Deve ainda se lembrar
Disse a velha: - Essa história,
Eu não lhe posso contar.

A velha morta de medo
Sempre lhe fez o pedido,
Dizendo: - Eu tive José
Meu caçula tão querido,
Fazem dez anos que ele
Anda no mundo perdido.

Ele era inteligente
Não sei se era por sina,
Pois desejou ver as pernas
Da moça de Pedra Fina
Meu marido teve medo
Foi com ele à disciplina.

Disse a princesa: - O menino
Apanhar não merecia,
Se por acaso a senhora
Visse ele conhecia?
Lhe disse a velha: - Conheço,
Em qualquer hora do dia.

Ela perguntou à velha
Porém lhe mostrando agrado
- A senhora conhece aquele
Que se acha ali sentado?
Lhe disse a velha: - É o rei,
Que governa este reinado.

José não aguentou mais
Partido de comoção,
Abraçou-se com o velho
Chorando pediu perdão
Se ajoelhou aos pés da velha,
Para tomar-lhe a benção.

José abraçou a todos
Como era bom irmão,
Casou antonio com Romana
E a caçula com João
Foram viver no reinado,
Na mais perfeita união.

Por isso devemos ter
O pensamento adiantado,
José um menino pobre
Trabalhando no roçado
Desejou ver a princesa,
Por isso foi castigado.

Viveram todos felizes
Gozando mil maravilhas
José como uma estrela
Que no firmamento brilha
Mostrou que ele sozinho,
Ajudou sua família.

Por isso devemos ter
O pagamento adiantado
Justo um momento por
Trabalhando no mercado
Desse por ver a princesa
Por isso foi castigado

Viveram todas felizes
Governando em harmonia
Tudo bem com a terra
Que se alegrava com o bem
Muito que ele achava
Aqui sua família

Vendas deste e muitos outros é com J. Borges
Av. Major Aprígio da Fonseca, 420 - Bezerros/PE
CEP 55660-000 - Fone: 3728.0364 / cel. 9937.3838

3877